

# PRECÁRIO E

# DEGRADANTE

REPORTAGEM **PATRIK CAMPOREZ**  
pmacao@redgazeta.com.br

FOTOGRAFIA **MARCELO PREST**  
mprest@redgazeta.com.br

DIAGRAMAÇÃO **ADRIANA RIOS E EDSON DE MELO**

O trabalho é pesado, perigoso e insalubre. Começa cedo, por volta das 5h30, e só termina quando o sol se põe. Debaixo de muita poeira e ao som de marretas batendo em ferramentas de metal, os quebradores de pedra trabalham em situação degradante, muitas vezes coagidos e vigiados, em áreas clandestinas de beneficiamento espalhadas ao longo da cadeia do mármore e do granito. Neste quarto dia de série “Dor e Morte no Caminho das Pedras”, entramos no submundo das rochas e encontramos uma atividade que vive de restos. Os blocos de pedra que a indústria descarta são transformados manualmente para virar produtos de jardinagem e ornamentação.

O mercado clandestino funciona assim: grupos de trabalhadores são organizados ao longo da cadeia produtiva e recebem blocos de pedras de empresas de extração e marmorarias. Assim, essas firmas se livram dos resíduos e, de quebra, ainda lucram com o material que deveria ser corretamente descartado. Cerca de 50% do lucro dos cavouqueiros – os quebradores de pedra – voltam para as empresas e atravessadores, que se abstêm de qualquer responsabilidade trabalhista. Por todo o Estado, flagramos áreas de processamento onde dezenas de pessoas atuam sem carteira assinada, não recebem qualquer tipo de equipamento de proteção e dormem em barracas de tapumes escondidas no meio do mato. Há casos de homens trazidos de outros Estados, como Minas Gerais e Bahia, e que já chegam devendo.

Em três municípios (Serra, Cachoeiro de Itapemirim e Nova Venécia), conseguimos entrar nessas zonas irregulares e entrevistar os cavouqueiros. André Carvalho, de 35 anos, e Ernandes Alves, 38, saíram de Guaratinga, Bahia, com a esperança de conse-

## QUEBRADORES DE PEDRA TRABALHAM EM CONDIÇÕES INSALUBRES, SEM SALÁRIO FIXO OU CARTEIRA ASSINADA



**Local onde trabalhadores descansam e fazem as refeições, na Serra**

### Atuação dos órgãos que fiscalizam o setor

#### MPT E MTE

Conduzem **dezenas** de investigações sobre irregularidades no trabalho em pedreiras.

#### IBAMA

Autuou mais de **100** pedreiras clandestinas ou irregulares no Estado, nos últimos anos.

#### POLÍCIA AMBIENTAL

Encontrou irregularidades em **122** áreas de extração mineral entre 2014 e 2016.

#### MPF

Investiga **232** áreas de mineração abandonadas e degradadas.

guir emprego formal no Estado. Ao chegar, há cerca de 10 anos, a realidade encontrada foi outra e desde então atuam na informalidade, quebrando blocos de pedra às margens da BR 101, na Serra. A área fica a menos de 1 quilômetro do posto da Polícia Rodoviária Federal (PRF), não tem banheiro, nem refeitório, e os trabalhadores descansam no chão de terra, em uma barraca de tapume construída por eles próprios. Não têm qualquer vínculo formal ou representação sindical. Também bebem água sem tratamento, em canecas recicladas. As pedras chegam em carretas ou em caminhões e são descarregadas numa área do tamanho de um campo de futebol. É um verdadeiro processo industrial, mas que tem na linha de frente trabalhadores sem qualquer tipo de proteção para as mãos ou visão. As lascas de pedra voam e, por vezes, entram nos olhos.

Com a presença da reportagem, um homem que se apresenta como Baiano foi chamado rapidamente pelos “funcionários”. Disse que os trabalhadores eram autônomos, depois prestadores de serviços. Por fim, afirmou que aquela era uma atividade “artesanal”. “Eles só sabem fazer isso mesmo, não têm estudo. Nenhum deles têm profissão. Aqui dá pelo menos para comer”, justifica. Baiano conta que também já foi cavouqueiro, mas agora toma conta dos trabalhadores como se fosse um encarregado,

a mando de um suposto dono da área. “Aqui é por produção. Trabalham a hora que querem, param a hora que querem. Se está quente vão para a sombra. É a liberdade deles. Não tem patrão. Patrão é nós mesmos (sic)”. Longe do encarregado, os trabalhadores revelam que, mesmo debaixo de chuva, não podem parar de cortar pedra se quiserem receber cerca de R\$ 600 no fim da quinzena. Ninguém tem carteira assinada, e a cena se repete em várias regiões rurais do Estado.



“Eles só sabem fazer isso mesmo, não têm estudo. Nenhum deles tem profissão. Aqui dá pelo menos para comer. É uma atividade artesanal. É a liberdade deles”

—  
APRESENTOU-SE APENAS COMO BAIANO INTERMEDIÁRIO NO RAMO DE PEDRAS



“As lascas vêm voando, mas a gente aprende a desviar. Se tivesse óculos, seria bom, mas melhor seria um banheiro. Você imagina como é fazer as coisas no mato, não é?”

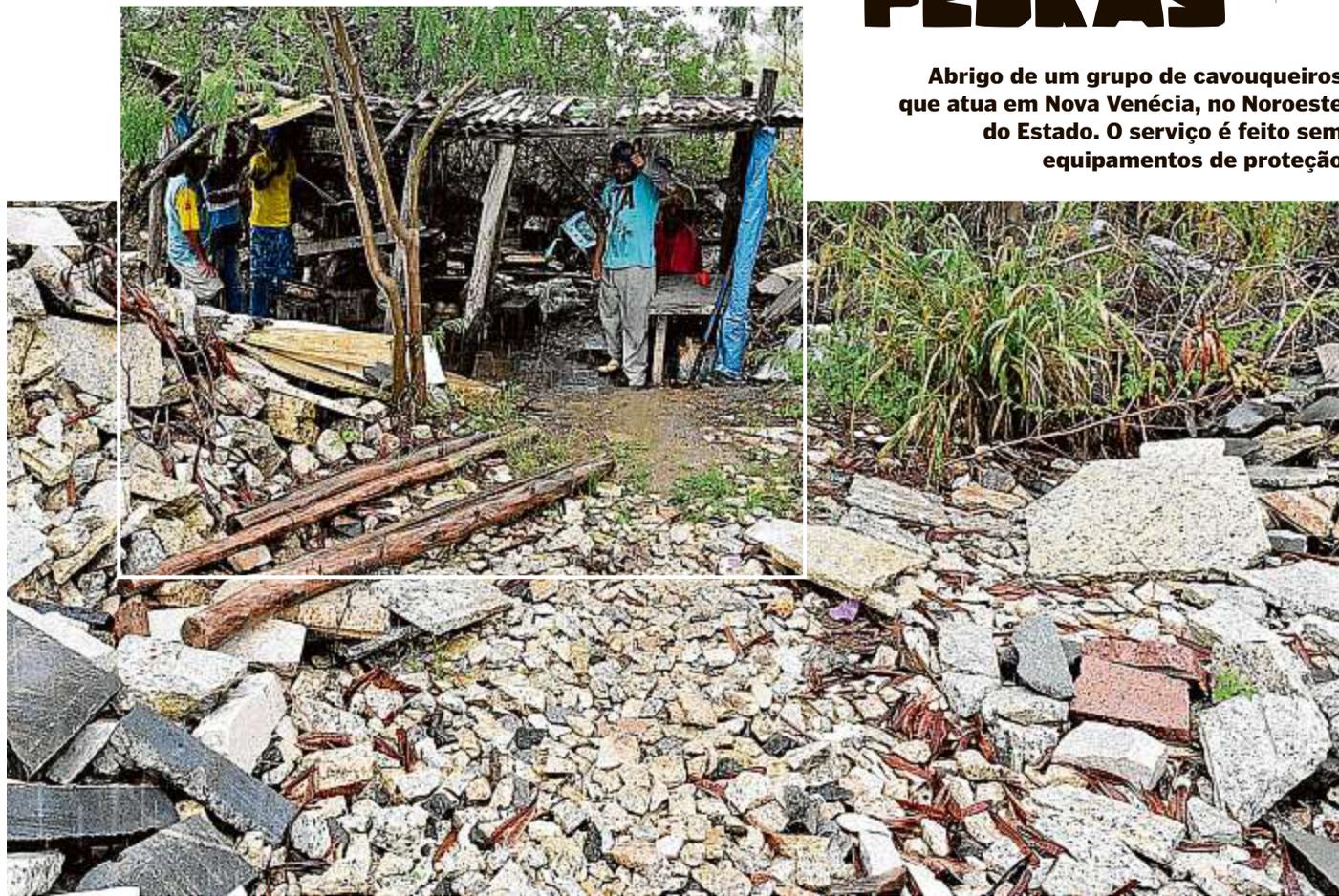
—  
PAULO TEIXEIRA 43 ANOS  
TRABALHA COM OS RESTOS DE GRANITO



VEJA NO GAZETA ONLINE  
Confira vídeos com flagrantes de trabalho degradante em áreas clandestinas de beneficiamento de pedras no Estado.

LEIA AMANHÃ

Ministério Público Federal investiga 232 áreas abandonadas, degradadas e não recuperadas.



Abrigo de um grupo de cavouqueiros que atua em Nova Venécia, no Noroeste do Estado. O serviço é feito sem equipamentos de proteção

## NO MEIO DO MATO

Às margens da rodovia que liga Nova Venécia a São Gabriel da Palha, no Noroeste capixaba, oito trabalhadores atuam em uma área improvisada, sem água limpa ou qualquer espaço para fazer as refeições. O forno de barro usado para amolar as ferramentas é o mesmo que cozinha a comida. Não existe banheiro, e os trabalhadores precisam fazer as necessidades básicas no meio do mato. A higiene pessoal também é feita com folhas de plantas, por falta de papel higiênico. Ninguém tem carteira assinada. Uma barraca de palha, no chão de barro, escondida no matagal, serve para abrigar os cavouqueiros. São por volta de 15 horas de uma quarta-feira, 7 de dezembro de 2016. A chuva começa a cair, mas os trabalhadores continuam quebrando pedra mesmo debaixo d'água, pois não podem perder um minuto de serviço. Mas a chuva aperta mais e de repente todos vão para debaixo da barraca. É a oportunidade também para preparar um café e dar um

tempo no barulho estridente que incomoda os ouvidos. Todos tentam se acomodar no local imprensado, mas o teto de palha não consegue segurar a goteiras e rapidamente todos ficam molhados. É nessa hora que nossa equipe aproveita para colher algumas histórias. Os trabalhadores reclamam que já começam o dia de trabalho devendo. Se não produzir, não conseguem pagar as pedras que compram das marmorarias, nem o frete dos caminhões.

No mesmo local onde as pedras são talhadas, o material é vendido para mansões de bairros nobres da Grande Vitória, Rio de Janeiro e Bahia, ou para empresas de jardinagem. Como não recebem equipamentos de proteção individual (os EPIs), muito menos orientação sobre segurança do trabalho, os acidentes são frequentes nesses locais. Para fazer as necessidades básicas, precisam se agachar em um chão de pedras, entre uma barraca de palha e um barranco. O ambiente é insalubre e perigoso e o trabalho

parece ser, literalmente, da “idade da pedra” - como brincam alguns trabalhadores.

O barulho agudo das talhadeiras provoca surdez crônica e as pedras que voam nos olhos, sem proteção, deixam muitos cegos e deficientes. Rochas de 300 a 400 quilos são levantadas no braço e talhadas de forma primária. Os ponteiros são afiados em lareiras artesanais onde os trabalhadores também cozinham a própria comida. Sem carteira de trabalho, não recebem qualquer direito quando se afastam por causa dos constantes acidentes. Em alguns locais, o trabalho é vigiado de perto pelo dono do negócio, geralmente alguma pessoa de confiança do dono da pedreira ou marmoraria. Longe do olhar do vigilante, trabalhadores reclamam de punição e assédio moral. “Se demorar um pouco no almoço, chamam nossa atenção”, diz um trabalhador que se acidentou mais de 10 vezes em 2016. “Quando fere a vista tem que continuar trabalhando. Se não trabalhar, não recebe”, completa.

## AMEAÇADOS DE MORTE

Quando o Sindimármore (sindicato que representa os trabalhadores formais do setor) flagra atividades degradantes e precárias nas pedreiras e empresas de beneficiamento, a denúncia à polícia e órgãos de fiscalização é imediata, o que faz diversos representantes de trabalhadores se dizerem vítimas de pressão e ameaças. Alguns casos já são de conhecimento da polícia. “Temos mais de mil processos na vara do trabalho. Algumas ações são milionárias, o que também resulta em ameaças. Isso nos desmotiva”, afirma o diretor regional do Sindimármore em Nova Venécia, Reginaldo Célia, que também já foi vítima de ameaças. “Um proprietário de uma empresa me ofereceu dinheiro para eu abandonar uma causa referente a risco de soterramento de trabalhador. Como não cedi, ele disse que ia enfiar um tiro na minha

Reginaldo Célia conta que foi ameaçado, após fazer denúncias



cara. Disse que sabia onde eu pedalava de bicicleta e que sabia onde meu filho morava. Senti uma pressão enorme e medo de minha família sofrer um atentado. Fiquei um ano sem pedalar, em clima de muito medo, achando que a qualquer momento um carro ia passar em cima de mim”.

Em outro caso, por dois meses, o Sindimármore precisou contratar seguranças particulares para escoltar seus advogados que atuavam em causas trabalhistas. Segundo o sindicato, o setor de mármore e granito tem mais de 20 mil trabalhadores diretos, 8 mil são sindicalizados. “Tem trabalhador que sai de casa sem saber que horas volta, só sai de lá quando a empresa quer. Aí, quando a gente denuncia, começa a pressão”, lamenta Reginaldo.

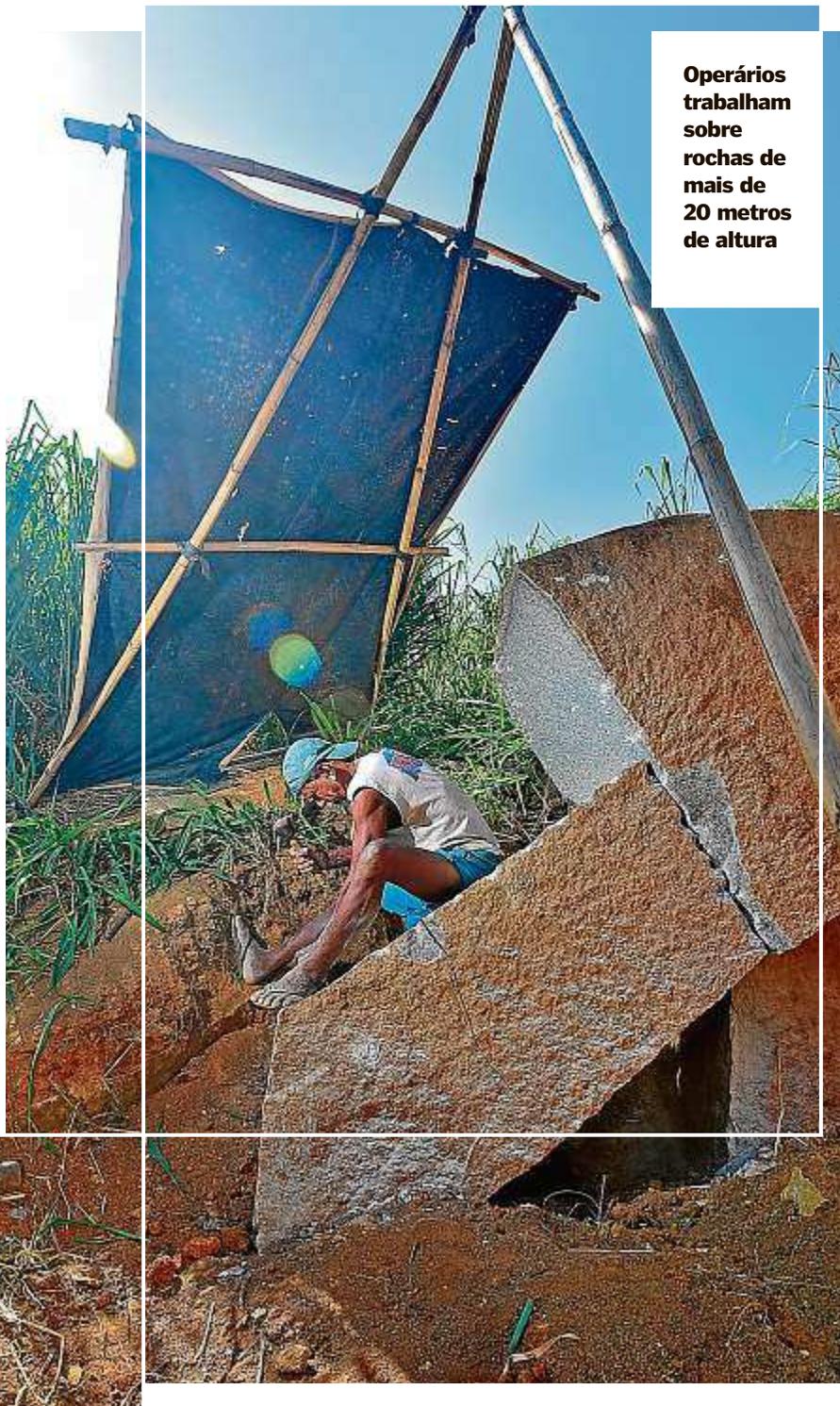
# EXTRAÇÃO CLANDESTINA

*EM PEDREIRAS IRREGULARES, A ORDEM É CORRER SE A FISCALIZAÇÃO APARECER NA REGIÃO*

“A ordem é correr se aparecer fiscalização”, avisa um grupo de trabalhadores de pedreira clandestina em São João da Lancha, zona rural de Cachoeiro de Itapemirim. Eles trabalham em cima de rochas com mais de 20 metros de altura, onde vão estourando pedra por pedra usando ferramentas rudimentares e explosivos caseiros. Não têm equipamento de segurança, como cintos ou cordas, nem água tratada ou banheiro. Tudo é feito no meio do mato, inclusive a manipulação das bombas e o preparo das refeições. É início de janeiro de 2017. Só nessa região, Ministério Público do Trabalho (MPT) e IBAMA investigam a atuação de mais de 100 pedreiras clandestinas. Na maior parte dos casos, a irregularidade não se restringe às condições degradantes de trabalho, sendo também um problema ambiental, já que a extração costuma ser feita sem qualquer licença do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), como é o caso de São João da Lancha. Em todo o Estado, o MPT instaurou centenas de inquéritos civis e expediu 151 Notificações Recomendatórias em ações recentes. A Polícia Militar Ambiental também encontrou irregularidades em 122 áreas de extração mineral entre 2014 e 2016.

## EXPLOSIVOS

Para preparar os explosivos que vão detonar pedras de mais de 20 toneladas, Devanir mistura salitre, enxofre e carvão. Não recebe luvas, óculos ou máscara de proteção do dono da pedreira. “Risco, a gente sabe que tem. Mas é o que tem de serviço”, afirma. Jorge, de 65 anos, também ajuda a controlar as explosões. Considerado idoso para a atividade que exerce, ele pretende deixar a pedreira assim que aparecer outro emprego. “Minha vontade mesmo era trabalhar de carteira assinada e ter os direitos que todo mundo tem”, revela ele, que de tanto fazer esforço para levantar as pedras, suporta a dor fazendo uso intensivo de analgésicos. Ganha menos de R\$ 800 por mês. “Descontando o gasto com comida e com as passagens diárias de ônibus, não sobra quase nada”, diz. São oito homens recrutados para trabalhar no local, todos sem carteira assinada. Almoçam perto dos explosivos caseiros, onde também fazem



**Operários trabalham sobre rochas de mais de 20 metros de altura**

suas necessidades fisiológicas.

No Norte do Estado, a situação é ainda pior, dizem os fiscais. Em São Mateus, o procurador do trabalho Vitor Borges da Silva informou ter conduzido, na Procuradoria do Trabalho do município, “várias” investigações contra pedreiras e marmorarias para apuração de irregularidades relacionadas ao ambiente de trabalho. De acordo com o procurador, em quase todas as investigações foram firmados Termos de Ajustes de Conduta com as empresas, que estarão sujeitas ao pagamento de multa caso não cumpram as condicionantes. Em 2014, essas empresas já tinham pago multas de mais de R\$ 200 mil por descumprimento do TAC.

Durante esta investigação, percebemos que os problemas não se resumem ao ambiente de trabalho. No entorno das principais jazidas de mármore e granito da América Latina, as condições de vida das famílias podem ser comparadas – com base no IDH menor que 0,5 – às de moradores de periferias das grandes cidades. Acostumados a extrair pedras exóticas apreciadas no exterior, operários do setor vivem o contraste de ter que morar em casas simples, feitas de tábuas ou de alvenaria, muitas delas inacabadas. É comum também a presença de várias residências em um mesmo quintal, geralmente pertencentes a indivíduos de uma mesma família, sendo que muitas vezes há duas ou mais famílias dividindo o mesmo lar. “A vida do trabalhador de pedreira é muito cruel. Trabalha muito, está exposto a todos os tipos de risco e doenças, e recebe muito pouco”, afirma José Amadeu Souza, 56, morador de Alto Gironda, Vargem Alta.

Toda a apuração desta reportagem - fotos, vídeos e depoimentos - foi entregue ao MPT, que vai abrir uma investigação sobre as condições de trabalho nos locais onde a reportagem esteve. Procurado, o Sindirochas disse que condena qualquer prática de trabalho clandestino ou que não siga a legislação, e que, no que diz respeito ao setor formal, tem capacitado e treinado os funcionários para reduzir o número de vítimas. “Nosso objetivo é acidente zero, morte zero”, diz o presidente da entidade, Tales Machado.



**“** Jorge  
65 anos

*Aqui não tem local de almoço, não, e tudo é feito no meio do mato. Venho de Cachoeiro (de Itapemirim, a mais de 30 km de distância) todos os dias para trabalhar nessa extração. Aqui não tem carteira assinada não, meu senhor. Pago a comida e o ônibus. O que sobra dá menos de um salário”*



**“** Gesiane  
38 anos

*Quando vimos vocês chegando (a reportagem), achamos que era a fiscalização. Não é por nada não, moço, mas esse é o nosso único ganha pão. Então a gente não pode perder isso aqui, apesar do trabalho ser duro. Nosso chefe somos nós mesmos, só a área que é de uma empresa”*